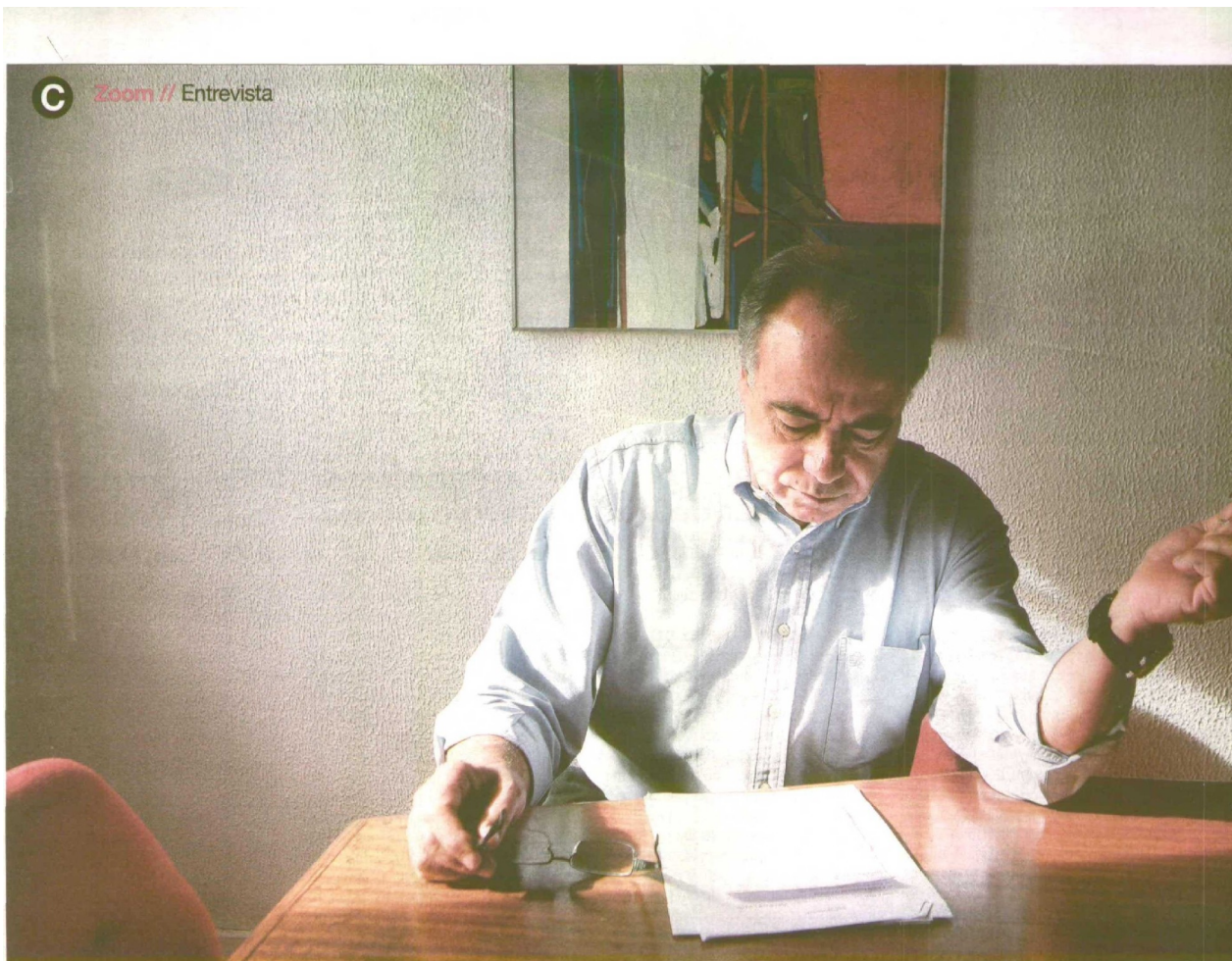




i  10-11-2009	Periodicidade:	Diária	Temática:	Política
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1236
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	80000	Página (s):	28/29



# “O dr. Silva Lopes que experimente viver com o salário mínimo nacional”

**Carvalho da Silva, líder da CGTP, diz que empresas podem cortar outros custos que não os salários**

dos salários. Em Portugal é esta pedinchice. Não sabem fazer outra coisa, é uma vergonha. 2010 será o Ano Mundial de Combate à Pobreza e um factor relevante é que parte significativa da pobreza resulta hoje dos baixos salários.

O economista José Silva Lopes disse há dias que aumentos salariais em 2010, com as empresas fragilizadas pela crise, seriam “fábricas de desemprego”...

O dr. Silva Lopes que experimente viver com o salário mínimo nacional dois ou três meses e depois se pronuncie.

**Mas não falava só do salário mínimo, estava a falar dos aumentos em geral.**

O trabalho e o emprego têm dimensões simultaneamente económicas, sociais, culturais e políticas. As políticas salariais não são uma questão meramente da economia. A própria economia não melhora apenas por factores quantitativos: há também os de ordem social, cultural e política, que muitas vezes têm mais influência que os factores económicos. Tenho pena de ver declarações destas. Como se os problemas que o mundo está a viver não fossem evidência de que o problema não está nos salários dos trabalhadores, mas numa acumulação injusta de riqueza.

**A verdade é que as empresas enfrentam uma série de adversidades que são rígidas e sobre as quais não têm influência nenhuma: euro alto, petróleo caro, financiamento caro...**

Sim, os empresários portugueses como os dos outros países, mas não se voltem contra os trabalhadores. É verdade que

**BRUNO FARIA LOPES**  
*bruno.lopes@online.pt*

Carvalho da Silva terá seguramente o gabinete com a melhor vista de Lisboa. Das janelas no Chiado, o líder da maior confederação sindical do país (CGTP) tem o Tejo a seus pés, mas também os vizinhos Banco de Portugal e Ministério das Finanças - ambos adversários nas batalhas sobre aumentos salariais que se avizinham. Carvalho da Silva - 61 anos, há 23 na liderança da CGTP - rejeita visões do emprego e dos salários puramente baseadas em números. Defende os aumentos em 2010, pedindo esforço aos empresários e o regresso do domínio da política sobre a eco-

**Há uma pressão cada vez maior de empresas, economistas e do Banco de Portugal para, perante a conjuntura económica de crise, moderar ou congelar salários. Aceita este argumento?**

Uma das causas da crise em que a sociedade vive resulta da persistência de reduzir a retribuição do trabalho. Observando-se a evolução da distribuição da riqueza nos últimos anos constata-se que a parte que vai para o factor trabalho vem diminuindo. Foi isso e a situação de crise que levou a que na cimeira intergovernamental - no âmbito da conferência anual da Organização Internacional do Trabalho (OIT) - tenha havido um pacto em que um dos apelos, sugerido pela OIT e assumido pelos governos, patrões e sindicatos, foi a não redução



**Aumentos salariais em 2010 serão como “fábricas de desemprego”**

*José Silva Lopes*  
ECONOMISTA, EX-MINISTRO DAS FINANÇAS E EX-GOVERNADOR DO BANCO DE PORTUGAL

i  10-11-2009	Periodicidade:	Diária	Temática:	Política
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1236
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	80000	Página (s):	28/29



Carvalho da Silva quer aumento do salário mínimo para 475 euros em 2010 e de 4,5% para a função pública. Banco de Portugal sugere 1%

DORA NOGUEIRA

## DESEMPREGO

**Confronto social? “O maior perigo em Portugal seria cair-se na apatia”**

●●● O próximo ano será de subida do desemprego - que anda sempre atrasado em relação ao ciclo económico - com instituições como o Fundo Monetário Internacional a preverem que ultrapasse 10%. No entanto, Carvalho da Silva evita mencionar o risco de confrontação social - para o líder da CGTP o perigo é outro.

### Teme um aumento da confrontação social no próximo anos?

O risco mais grave é a sociedade portuguesa cair numa situação de depressão maior e de apatia. De aumento da descrença na política, na economia, na justiça, de a corrupção passar impune. O que poderia acontecer de mais positivo é aumentar a consciência de que somos nós que temos de resolver os nossos problemas, pela responsabilização e mobilização das pessoas. Se houver dinâmica de aumento de participação dos trabalhadores isso será a melhor coisa a acontecer ao país; não num sentido de ruptura, mas de forçar o surgimento de caminhos novos e de esperança.

**Mas o risco de ruptura social existe?** O grande perigo não é de confrontação, mas apatia e desistir de lutar pelo emprego.

**Não já é isso o que se passa? Como explica então que no contexto de pressão constante sobre o trabalho nos últimos anos o sindicalismo permanece tão frágil em Portugal?**

Nunca as situações de recuo da sociedade, na sua fase mais dura, foram factor de mobilização. Perante o aperto das suas condições de vida, na fase mais violenta da crise, a tendência das pessoas é para recuar para o individualismo, tentar desenrascar de qualquer forma. Só quando se torna evidente que a situação é insustentável surge a mobilização, “o despertar da alma colectiva” como lhe chamava o [Bento Jesus] Caraça.

## SINDICALISMO

**“Um trabalhador tem hoje menos liberdade do que em 1986”**

●●● À frente da CGTP há 23 anos Carvalho da Silva admite que já é tempo de sair, embora não explique quando (tem mandato até 2011).

### O que mudou para o sindicalismo nas últimas duas décadas?

Há maior complexidade e diversidade de problemas. Assistimos à desestruturação dos mercados de trabalho, com dinâmicas de precarização primeiro no início do emprego, agora de todos. A alterações nos mercados globais e locais. E há grandes mudanças na sociedade que têm reflexos no mercado de trabalho: o aumento da importância das mulheres, uma evolução positiva com desafios enormes; o aumento da esperança média de vida, que nos põe perante o debate não apenas da Segurança Social, mas do tempo de trabalho e da vida activa; o processo das migrações.

### É mais difícil ser sindicalista?

Sim, há mais pressão. Houve um aumento da dificuldade na nossa presença nos locais de trabalho, por diminuição da liberdade sindical. Hoje um trabalhador tem muito menos liberdade de se sindicalizar e de intervir do que tinha em 1986. E há predominio de conceitos essencialmente vindos da economia liberal que se tornaram verdades absolutas, muito difíceis de desconstruir.

### Mais do que 20 anos à frente de qual quer coisa não é muito tempo?

É. Tenho dito que já é tempo de mais. Se fosse por uma opção apenas pessoal já estava fora da central há meia dúzia de anos. Tenho cuidado também da minha renovação. Não tinha formação académica e fiz uma licenciatura e um doutoramento... Mas não posso apagar o que está no bilhete de identidade - o movimento sindical precisa das gerações jovens.

## JOVENS

**“Para um pacto para o emprego é preciso cumprir a lei laboral”**

●●● O programa do novo governo de José Sócrates propõe a celebração de um “Pacto para o Emprego”, feito de diálogo social entre sindicatos, empresas e governo, que sirva de resposta à actual conjuntura de crise económica. Ontem, Carvalho da Silva deixou claras as suas condições. “A primeira questão a ter em conta para um Pacto para o Emprego é a necessidade do cumprimento da legislação [laboral]”, afirmou em conferência de imprensa [posterior à entrevista ao i]. Para o secretário-geral da CGTP cumprir a lei significa “um combate efectivo à precariedade” do trabalho, de que é exemplo clássico a prática de falsos recibos verdes. A principal central sindical do país defende ainda como condições para um possível acordo o respeito pela negociação colectiva e a aposta no emprego de qualidade.

Ao i, Carvalho da Silva defende que no caso dos jovens o problema é grave. “É uma mentira absoluta dizer que há rigidez laboral e que isso prejudica o emprego jovem, o que vemos é que a precariedade tornou-se num instrumento de gestão para acumulação rápida de capital”, acusa. Sobre um eventual fosso que possa surgir entre gerações mais novas e mais velhas - alimentado pela percepção de que os chamados direitos adquiridos dos mais velhos são uma barreira de entrada no mercado de emprego - o secretário-geral da CGTP desvaloriza. “Isso é porque não têm ainda experiência de trabalho.” Mas não é esse o problema? “Os jovens têm experiências muito duras e aquilo que se vai percebendo é que não são os direitos dos outros que são obstáculos”, responde. “O que é dito à juventude é que eles só têm direito a desemprego ou a precariedade, a baixos salários”, acrescenta.

para muitos empresários, em particular os pequenos, o seu espaço de manobra é muito limitado, mas é preciso outra atitude. Seria bom que houvesse pressão para descer o custo do dinheiro, estratégias para reduzir custos energéticos e com telecomunicações, custos de relacionamento com a administração pública. Estratégias de gestão que dêem margem nos salários. Não me digam que não aguentam um aumento do salário mínimo de 80 cêntimos por dia, por trabalhador. Então não é possível um bocadinho de pressão [nos custos] que dê essa margem? Evidente que é.

**Segundo dados recentes da Comissão Europeia, Portugal registou em 2009 a maior subida dos custos do trabalho (5,8%), acima da produtividade. Em 2010 apesar da quebra para 0,8%, o custo continua a ser dos mais altos e acima da média. É sustentável ter aumentos salariais muito acima da produtividade?**

Se os salários acompanhassem a evolução da produtividade em Portugal seriam hoje bem maiores. Se há conceitos manipulados são os da produtividade e competitividade. Os nossos trabalhadores são tão produtivos como os outros, o que é demonstrado, por exemplo, pela emigração. Mas um trabalhador com uma enxada, por mais que cave não compete com um tractor: tudo depende do produto em causa e das técnicas. É tempo de não sermos governados pelas opiniões tecnocráticas e de a política ter o seu papel.